

**ARTUR RAMOS**

— Como encara o espectáculo que vai realizar no Teatro Nacional?

— Pessoalmente, como uma grande oportunidade que Amélia Rey Colaço me dá de experimentar, em óptimas condições materiais e espirituais, o fascinante ofício de encenador de teatro. Num plano mais geral, parece-me do maior interesse esta tentativa séria de revelação de novos criadores de teatro.

— Qual das peças julga ser mais acessível ao nosso público?

— A minha missão será bem cumprida se todas elas tocarem igualmente o público, transmitindo-lhe o que os autores nela puseram. Sinceramente não sei dizer-lhe qual a que achei mais difícil nesse aspecto. O esforço, nestes casos, não é mensurável...

— Que pensa do actual momento do teatro português?

— Em Portugal-1961, o teatro vai vegetando. Que outra coisa não pode ele fazer numa sociedade sem vida cívica.

(Conclui na pág. 34)

**TERESA RITA**

— Qual a verdadeira missão do escritor?

— Ser homem, ser honesto. Dizer alguma coisa aos homens do seu tempo — mas dizê-la com a responsabilidade de quem está a levantar uma casa que não se aguentará de pé se assentar em falso, de quem está a dar partida a um comboio que não pode chocar com outro na linha, de quem opera um tumor. O que me assusta é escrever-se assim e poder ao mesmo tempo querer dizer assado, cozido ou frito (e isto o que é preciso é ser diferente, e porque é que os

monstros não têm de ser padrões de beleza, e o absurdo oh! o divino absurdo!), não estou a gozar, estou a arrepiar-me. Acho que escrever não é atirar fogo de artifício, é semear. E o absurdo gratuito creio bem que é ingermínável.

— Dadas as circunstâncias sociais, morais e religiosas da vida nacional, seria possível uma dramaturgia portuguesa actual?

— É sempre possível qualquer coisa. É, pelo menos, o que temos

(Conclui na pág. 34)

**AUGUSTO SOBRAL**

— Dadas as circunstâncias sociais, morais e religiosas da vida nacional, seria possível uma dramaturgia portuguesa actual?

— É de condições não propícias e de haver quem lute, apesar de tudo, que têm surgido todas as coisas válidas desde a invenção da roda.

Posto isto depende da força do homem para carregar a sua própria maldição.

Só as flores seguem um ritmo natural que lhes é exterior, e descoram quando não há sol



PERGUNTAS  
e  
RESPOSTAS

— Os condicionalismos do meio têm afectado a sua obra?

— Inevitavelmente. Exigem uma trucagem e um «slang» que se





e religiosas da vida nacional, seria possível uma dramaturgia portuguesa actual?

— É de condições não propícias e de haver quem lute, apesar de tudo, que têm surgido todas as coisas válidas desde a invenção da roda.

Posto isto depende da força do homem para carregar a sua própria maldição.

Só as flores seguem um ritmo natural que lhes é exterior, e descoram quando não há sol.

— Qual a verdadeira missão do escritor?

— Como escritor, escrever. Como homem nunca se transformar em bicho escritor.

— Trabalha febrilmente ou com perfeito domínio das suas faculdades?

— Febre ligeira e perfeito domínio das faculdades.

(Conclui na pág. 34)

## JAIME SALAZAR SAMPAIO

— Trabalha febrilmente ou com perfeito domínio das suas faculdades?

— Sem um pouco de «febre» não creio que haja completo domínio das faculdades, no entanto não me dá jeito pôr o termómetro enquanto trabalho.

— Dadas as circunstâncias sociais, morais e religiosas da vida nacional, será possível uma dramaturgia portuguesa actual?

— Com certeza. Há, nessas mesmas circunstâncias, matéria-prima teatral abundante. A receita é ir escrevendo: quer haja ou

não haja possibilidades de representação imediata, quer se encarem essas possibilidades de acordo com um critério optimista ou céptico.

— Qual a verdadeira missão do escritor?

— Descobrir-se a si próprio, ajudar a tornar o mundo habitável, ou, mais concretamente: «escrever».

— Quais os dramaturgos contemporâneos estrangeiros que, em sua opinião, mais poderão influenciar os nossos jovens autores?

(Conclui na pág. 34)

# RESPOSTAS

— Os condicionalismos do meio têm afectado a sua obra?

— Inevitavelmente. Exigem uma trucagem e um «slang» que se convertem em linguagem e modelam a nossa face, determinam os nossos gostos, detêm os nossos passos. Luto com um problema, que é o do Guiley Jinson, de «The Horse's Mouth»: as grandes superfícies. Mas as paredes brancas,





# D. MARIA II

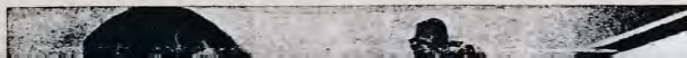
Amélia Rey Colaço criou o Teatro de novos para novos, que apresentou o seu primeiro espectáculo, na temporada passada. Representaram-se Strindberg e Garcia Lorca, respectivamente com «A Menina Júlia» e «Sapateira Prodigiosa». Foram encenadores Jacinto Ramos e Varela Silva. Este ano foi encarregado de dirigir a segunda representação Artur Ramos, nome sobejamente conhecido do nosso público, sobretudo dos nossos telespectadores. Ramos é realizador da TV, e o melhor, segundo revelaram as obras que dirigiu. O Teatro dos novos para os novos apresentará agora três originais portugueses inéditos, de autores desconhecidos. Pretende-se assim possibilitar a revelação de novos valores para a dramaturgia nacional. Nomes: Teresa Rita com «Retrato com Pássaros»; Augusto Sobral com «Consultório»; e Jaime Salazar Sampaio com «O Pescador à Linha». A ESQUERDA: Os cenógrafos António Casimiro («O Pescador à Linha»), António Alfredo («Retrato com Pássaros») e Sena da Silva («Consultório») discutem com o encenador pormenores das maquetas. A DIREITA: Cremilda Gil, intérprete de «Retrato com Pássaros». Esta actriz, que ainda há pouco ingressou no elenco do Teatro Nacional, é uma das maiores certezas entre as nossas jovens actrizes. A SEGUIR: José de Castro, Costa Ferreira e Carlos Avilez



Entre os intérpretes das peças podemos destacar: Ana Paula Zeiger, Glória Quartin, Cremilda Gil, Adelaide João (uma estreada), Costa Ferreira, Canto e Castro, Carlos Avilez, José de Castro, Carlos Gonçalves e Henrique Viana. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Glória Quartin, um dos nomes mais valiosos do nosso teatro não profissional. Ramos e o musicista Filipe de Sousa, um dos colaboradores do espectáculo. O encenador troca impressões com Augusto Sobral e José de Castro



Luís Jardim é um jovem. Um jovem já aureolado — porque a ousada temática de cada um dos seus trabalhos o levou a um conceito bastante original. A razão principal da força criadora de Jardim está, porém, não nesse pedaço de coragem descritiva, mas no facto de «saber» pintar. Não queremos dizer que seria difícil classificá-lo neste ou naquele grupo, nesta ou naquela corrente. Acontece, porém, que quando um artista «é» por si ou em si, essa classificação deixa de ter interesse. E isso acontece com Luís Jardim. De um simbolismo vigoroso e estranho, os trabalhos do pintor alcançam longe. São como que a transmutação de um mundo — ou um mundo em busca do objecto ilimitado e do caminho de horizontes sem escala, a libertação pela grandeza ou pelo infinito. Luís Jardim trabalha imenso. Trabalha tudo o que «o ganhar a vida» lhe concede. Esta página mostra-nos Luís Jardim, no seu ambiente mais querido — o seu «atelier». Alguns dos quadros e esculturas que vemos aqui, estarão patentes na exposição que Jardim mantém, agora, desde 30 de Maio a 7 de Junho, na Sociedade Nacional das Belas-Artes







difficil classificá-lo neste ou naquele grupo, nesta ou naquela corrente. Acontece, porém, que quando um artista «é» por si ou em si, essa classificação deixa de ter interesse. E isso acontece com Luís Jardim. De um simbolismo vigoroso e estranho, os trabalhos do pintor alcançam longe. São como que a transmutação de um mundo — ou um mundo em busca do objecto ilimitado e do caminho de horizontes sem escala, a libertação pela grandeza ou pelo infinito. Luís Jardim trabalha imenso. Trabalha tudo o que «o ganhar a vida» lhe concede. Esta página mostra-nos Luís Jardim, no seu ambiente mais querido — o seu «atelier». Alguns dos quadros e esculturas que vemos aqui, estarão patentes na exposição que Jardim mantém, agora, desde 30 de Maio a 7 de Junho, na Sociedade Nacional das Belas-Artes



# LUÍS JARDIM

## EXPÕE

quilómetros quadrados em decénios de inigualáveis construções, são recusadas à arte moderna, para serem ocupadas por uma pintura grandiloquente, retórica, onde achamos mãos de Miguel Angelo, cabeças de Verrochio.

— Qual a situação actual da pintura portuguesa numa perspectiva europeia?

— Geograficamente ibérica. Em pintura, porém, a distância Lis-

boa-Paris é menos que a de Lisboa-Madrid. Ainda agora estamos a descobrir os espanhóis, por causa de Mário de Oliveira e da galeria «Diário de Notícias». Plásticamente, os Pirenéus não são obstáculos. Depois da França ter repetido o exemplo do Cavaleiro de Oliveira, e de Verney, Paris ficou onde estava Braço de Prata, e quem quer vai lá, está lá, com ou sem boisa da Gulbenkian. No regresso,

ou se grita o que lá viu, como Kivy, ou se utiliza o que se entendeu. Situação subsidiária, portanto, a nossa, com dois ou três casos sólidos.

— Trabalha febrilmente ou com perfeito domínio das suas faculdades?

— Aos pedaços, em desordem, mas quando me encontro, num par

(Conclui na pág. 34)





# LUGAR AOS NOVOS

Responde **ARTUR RAMOS**

(Continuado da pág. 46)

— Dadas as circunstâncias sociais, morais e religiosas da vida nacional, será possível uma dramaturgia portuguesa actual?

— Acho que não. A Literatura ou a Pintura podem dar belas e estranhas flores em terreno maldito. O Teatro exige húmus, ar e sol.

— Como interpreta a sua missão de encenador?

— Faço um espectáculo a partir dum texto, aproveitando o máximo de todas as colaborações que se inscreveram no sentido que ele atribuiu à peça — e dando-se às outras.

— Cite os quatro pintores portugueses que mais lhe agradam.

— Almada, claro. E Pomar, António Alfredo, Vespeira...

— Trabalha febrilmente ou com perfeito domínio das suas faculdades?

— Febrilmente não é com certeza. Mas não lhe posso garantir que seja com o tal perfeito domínio.

— Nomeie os dois escritores estrangeiros da actualidade que mais lhe agradam.

— Excluindo os dramaturgos (resposta mais abaixo), Sartre, por motivos importantes, e Roger Vailland, pelo prazer que tenho em lê-lo.

— Qual a sua concepção de herói? Podemos admitir a realidade de herói português?

— Herói: homem que escolhe o caminho difícil e consegue forças para o percorrer, levando alguém com ele. Em Portugal, há sobretudo caminhos fáceis; mas também há quem escolha os difíceis — assim chegam ao fim.

— Cite uma frase célebre que concretize uma posição do homem.

— «O homem é o capital mais precioso»

Clifford Odets, Alfonso Sartre e Guarnieri.

— Teatro é texto, interpretação, conjunto ou encenação?

— O espectáculo em que o público participa, ordenado pelo encenador a partir dum texto ou dum ideia do autor transmitida através dos intérpretes.

— Qual o seu tipo de felicidade?

— A consciência de fazermos o máximo pela felicidade dos outros — tal como eles a entendem.

— Quais as suas heroínas preferidas no mundo de ficção?

— Sofia e da Condessa de Seneque para tantas asneiras atravessadas as Meninas Exemplares. O nome que dei à minha filha é um testemunho dessa preferência.

— Que pensa da actual situação do cinema português?

— É uma situação de fábula. Há entre os novos gente com muito interesse. Há exemplos de boa vontade por parte de (raros) produtores. Há até dinheiro — às vezes. E, no entanto, as iniciativas isoladas vão-se perdendo. Porquê?

— É que falta criar um entusiasmo colectivo criador. Seria preciso concentrar os actuais recursos nas mãos dum homem dinâmico e respeitado — e deixá-lo organizar coisas e chamar gente.

— Será isto possível actualmente? Há quem diga que não.

— Quais os seis escritores portugueses que mais lhe agradam?

— Rodrigues Miguéis, Manuel da Fonseca e José Cardoso Pires, na ficção. Bernardo Santareno, no Teatro, António José Saraiva no Ensalo. E o indigestável grão de sal, o poeta Alexandre O'Neill.

— Com que faltas é mais indulgente?

— Toda a gente diz que eu sou pouco indulgente. Talvez tenham razão.

no domínio de forma pode ser uma excelente influência. Só da forma...)

— Cite os quatro pintores portugueses que mais a interessam.

— Receio não ter suficiente conhecimento da pintura portuguesa para tomar uma atitude selectiva. Por isso, e porque também não gostaria que alguém formasse uma opinião definitiva a meu respeito depois de conhecer uma única peça minha, prefero não nomear nenhum.

— Qual é para si o maior drama, surge da hora actual?

— Escolher é realmente difícil. Uns são grandes por uma razão, outros por outra... Aí vão dois: Miller e Brecht.

— Qual o pensamento que se lhe impõe com mais frequência?

— Penso neste muitas vezes: «Criar é matar a morte» — não me lembro bem de quem é.

— Cite uma frase célebre que concretize uma posição do homem.

— Não sei se é célebre — é Jules Supervielle que o diz, num poema:

*Ce que la vie est lourde à porter !  
Mais il faut la pousser toujours un  
peu plus loin*

*Pour la faire passer d'aujourd'hui  
à demain»*

— Qual a sua concepção de herói? Podemos admitir a realidade de um herói português?

— Heróis são os que empurram o futuro, ladeira acima. Heróis portugueses? — os que o tenham feito, os que o fazem, os que o fizerem.

— Qual o espectáculo do real quotidiano que mais lhe desagradava?

— O egoísmo nas suas manifestações do atropelo diário (entrar nos eléctricos, sentar-se nos eléctricos, etc.) Mas pior ainda, porque mais responsável é a ostentação do egoísmo, isto é, a ostentação de

**W. SICILLO**  
**ILUSTRADO**

Ionesco. Camus mais do que Sartre e Brecht sem termo de comparação.

— Cite os quatro pintores portugueses que mais o interessam.

— Almada, Júlio Pomar, Júlio Resende, como valores firmados, e António Alfredo, a minha aposta pessoal mais profunda na minha própria geração.

— Qual é para si o maior drama, surge da hora actual?

— Qual hora actual? A jornalista?

— «Creio que tínhamos tempo de acordar os relógios, antes da mudança».

— Qual o pensamento que se lhe impõe com mais frequência?

— Que não vale a pena não vale a pena, não vale a pena.

— Cite uma frase célebre que concretize uma posição do homem.

— Homo hominis lupus.

— Qual a sua concepção de herói? Podemos admitir a realidade de um herói português?

— Herói é o que subordina o ambiente a si próprio ou paga com a vida o não ter conseguido integrar-se. Para mim o herói português tem sido até hoje deste último tipo e define-se através dum linha que passa pelos nossos poetas Bernardim, Bocage, Antero, Sá Carneiro, obreiros de uma auto-destruição positiva porque saudosista de um mundo com dimensões maiores.

— Qual o espectáculo do real quotidiano que mais lhe desagradava?

— O real quotidiano aceita como finalidade.

— Teatro é texto, interpretação, conjunto ou encenação?

— Conjunto é sempre. Que sobressaia depois o texto através da interpretação se o que está em causa é uma interioridade ou um sentido de encenação através da movimentação do actor, como outra forma de interpretação, isso depende da linha de pensamento do autor e do encenador.

De qualquer modo creio nunca se dever esquecer que no espectáculo quem vai estar presente são os actores, únicos veículos de ma-

Responde **TERESA BITA**

motivos importantes e Roger Valland, pelo prazer que tenho em lê-lo.

— Qual a sua concepção de herói? Podemos admitir a realidade de herói português?

— Herói: homem que escolhe o caminho difícil e consegue forças para o percorrer, levando alguém com ele. Em Portugal, há sobretudo caminhos fáceis; mas também há quem escolha os difíceis — assim chegam ao fim.

— Cite uma frase célebre que concretize uma posição do homem.

— «O homem é o capital mais precioso»

— Quais são os seus dramaturgos modernos preferidos?

— Brecht, evidentemente. E Adanov, Beckett, Ionesco e Genet, Osborne e Brendan Behan, Miller e

LEIA

## «HISTÓRIA SINGELA DE UMA MENINA BONITA»

POR

J. M. BOAVIDA-PORTUGAL

UM LIVRO  
QUE GOSTARA  
DE GUARDAR

A VENDA EM TODAS AS  
LIVRARIAS DO PAÍS

PEDIDOS A

EDITORIAL - SÉCULO

Rua do Século, 63 — LISBOA

Há quem diga que não.

— Quais os seis escritores portugueses que mais lhe agradam?

— Rodrigues Miguéis, Manuel da Fonseca e José Cardoso Pires, na ficção; Bernardo Santareno, no Teatro, António José Saraiva no Ensalo. E o indier sável grãc de sal, o poeta Alexandre O'Neil.

Com que faltas é mais indulgente?

— Toda a gente diz que eu sou pouco indulgente. Talvez tenham razão...

## Responde TERESA RITA

(Continuado da pág. 46)

que admitir. Quem tiver alguma coisa que dizer, fazer, escrever tem de procurar — apesar de tudo — dizê-la, escrevê-la. Parar é oferecer pasto aos vermes. Aliás levar com portas na cara também forma, informa e tempera. E um dramaturgo da hora actual tem de sentir na sua carne a hora actual. Agora se lhe fecharem a porta na cara e o mandarem para o jardim dizer que a rosa é a rainha das flores e tecer panegíricos às asas das borboletas e ele fôr e fizer... — é outra coisa. Enfim, não é um dramaturgo da hora actual... E, se tanto, um dramaturgo estabelecido: com balcão e caixa registadora.

— Trabalha febrilmente ou com perfeito domínio das suas faculdades?

— Uma coisa não exclui forçosamente a outra. Escrevo quando tenho impulso para isso, «febrilmente», se quiser... mas creio que com pleno domínio das minhas faculdades...

— Quais os dramaturgos contemporâneos estrangeiros que, em sua opinião, mais poderão influenciar os nossos jovens autores?

— Ionesco e talvez Beckett (que

— Qual a sua concepção de herói? Podemos admitir a realidade de um herói português?

— Heróis são os que empurram o futuro, ladeira acima. Heróis portugueses? — Os que o tenham feito, os que o fazem, os que o fizerem.

— Qual o espectáculo do real quotidiano que mais lhe desagrada?

— O egoísmo nas suas manifestações do atropelo diário (entrar nos eléctricos, sentar-se nos eléctricos, etc.) Mas pior ainda, porque mais responsável é a ostentação do egoísmo, isto é: a pedantice (material e intelectual).

— Teatro é texto, interpretação, conjunto ou encenação?

— A harmonização de tudo isso.

— Qual a sua personagem histórica favorita?

— Uma personagem colectiva: o povo. Já Fernão Lopes, há seis séculos, lhe apreciou o valor.

— Quais as suas heroínas preferidas do mundo de ficção?

— Não me lembro... Creio que não tenho.

— Com que faltas é mais indulgente?

— Com tudo quanto não seja desonestidade, egoísmo e desistência do esforço de procurar a verdade (não a universal, pirandelliana, mas a deste momento, a que ajude o futuro a ser cada vez menos injusto para os homens).

## Responde AUGUSTO SOBRAL

(Continuado da pág. 46)

— Quais os dramaturgos contemporâneos estrangeiros que, em sua opinião, mais poderão influenciar os nossos jovens autores?

— Dentro de três direcções distintas, Beckett mais do que

— O real quotidiano aceita como finalidade.

— Teatro é texto, interpretação, conjunto ou encenação?

— Conjunto é sempre. Que sobressala depois o texto através da interpretação se o que está em causa é uma interioridade ou um sentido de encenação através da movimentação do actor, como outra forma de interpretação, isso depende da linha de pensamento do autor e do encenador.

De qualquer modo creio nunca se dever esquecer que no espectáculo quem vai estar presente são os actores, únicos veículos de paixão e ódio. Isto é, para o público que deve ignorar os cordelinhos do espectáculo é com o actor que o diálogo se trava e tudo o mais que for feito, seja com que sacrifício for, deve ficar no secreto dos bastidores apenas com a finalidade de tornar mais vivo esse diálogo.

— Qual a sua personagem histórica favorita?

— D Sebastião.

— Quais as suas heroínas preferidas do mundo da ficção?

— Todas as que encontraram o real sentido do amor, dúvia única, se é lícito chamar-lhe heroína de ficção, a Marguerite Gautier.

— Com que faltas é mais indulgente?

— As motivadas por ingenuidade ou timidez.

— Que quis «dizer» na sua peça de Teatro.

— Considero-me acima de tudo saltimbanco, e creio que essa pergunta é contra a deontologia do saltimbanco.

«— Entrem! Entrem, meus senhores».

«Venham ver a comédia dos medrosos e dos que têm coragem, dos que amam mais os outros do que eles próprios e dos que se amam mais a si do que aos outros».

«Aqui rufava o tambor, eu dava



uma pirueta e desaparecia para dentro da barraca. Isto sim, isto estava certo.

## Responde J. SALAZAR SAMPAIO

(Continuado da pág. 46)

— Aqueles dramaturgos cujas peças os nossos jovens autores conseguirem ver representadas entre nós, com fidelidade e nível artístico. E se lhe interessam nomes, aqui lhe deixo uma pequena lista: Beckett, Brecht, Dürrenmatt, Sartre, etc.

— Cite os quatro escritores portugueses que mais o interessam.

— Fernando Pessoa, Miguel Torga, Almada Negreiros e Vergílio Ferreira («Aparição», não incluída).

— Qual é para si o maior dramaturgo da hora actual?

— Talvez Samuel Beckett, se conseguir escrever, depois de «La Dernière Bande», uma nova peça que se inscreva na linha das anteriores.

— Qual o pensamento que se lhe impõe com mais frequência?

— Nunca pensei nisso.

— Cite uma frase célebre que concretize uma posição do homem.

— «É muito cedo ainda para o primeiro homem».

...Mas não é uma frase célebre, desculpe

— Qual a sua concepção de herói?

— A minha concepção de herói nada tem de particular. Contento-me com a definição de qualquer bom dicionário.

— Qual o espectáculo do real quotidiano que mais lhe desagradada?

— A melancolia e o vazio reflectidos na cara das pessoas com que nos cruzamos. É aquela «apagada e vil tristeza» de que falava o Poeta...

— Teatro é texto, interpretação, conjunto ou encenação?

— Teatro é o que fica de um texto, depois das variadas e necessárias intervenções do encenador, actores, carpinteiros, electricistas, etc. (Ponto de vista de um actor)

— Qual a sua personagem histórica preferida?

— Com quantas letras?

— Quais as suas heroínas preferidas do mundo de ficção?

— A Sofia Loren, indiscutivelmente.

— Com que faltas é mais indulgente?

— Com as minhas.

— Que quis dizer com a sua peça de teatro?

— Eis alguns dos temas que se cruzam na minha peça: O convívio humano é doloroso e precário; o muro das recordações é geralmente liso; a morte (mesmo a natural — e será esse o caso da peça?) não deixa de constituir um contraste inesperado e sempre bastante desagradável; etc.

«Já me apontaram duas ou três influências «mestras» e até divergentes (Beckett, Sartre) às quais eu me julgava alheio; Mas o que eu desajaria que não fosse esquecido é que se trata de uma peça local, problemática, contemporânea.